

Caderno de Formação

Mestrado Profissional em Educação e Docência
Faculdade de Educação/UFMG

MOTIVAÇÃO

Motivos para Ação

Memórias e Perspectivas



Raquel Rodrigues



Caderno de Formação

Mestrado Profissional em Educação e Docência
Faculdade de Educação/UFMG

MOTIVAÇÃO

Motivos para Ação

Memórias e Perspectivas

Raquel Rodrigues

Copyright: ©Raquel Rodrigues

Edição e revisão: Raquel Rodrigues

Capa, projeto gráfico e diagramação: Nelson Flores

Imagem da capa: Freepik

Caderno de Formação

Mestrado Profissional em Educação e Docência
Faculdade de Educação/UFMG

Raquel Rodrigues

UF *m* G

FaE
Faculdade de Educação

Eu diria que os educadores são como as velhas árvores. Possuem uma fase, um nome, uma “estória” a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma “entidade” *suigeneris*, portador de um nome, também de uma “estória”, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo para acontecer neste espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal.

Rubem Alves



FREEPIK

Aos professores e professoras:

Belo Horizonte/MG, dezembro de 2019

Raquel Rodrigues

Caros e caras colegas, docentes em formação e/ou em serviço, gostaria de compartilhar com vocês um pouco do meu trabalho realizado durante o Mestrado na Faculdade de Educação da UFMG. Este trabalho, que pode ser conhecido na íntegra acessando-se a minha dissertação, teve como tema de discussão a motivação docente. Mas quem sou eu e porque me interesse por esse tema?

Sou a Raquel, filha mais nova de uma professora. Venho de uma família de professores: todas as minhas tias e um tio por parte de minha mãe também são professores. Ainda tenho irmão, primos, e cunhada que são professores. Sou professora de ciências há quase dez anos. Já lecionei em escolas públicas, escolas em assentamentos rurais, escolas para alunos em privação de liberdade, escolas situadas em regiões de vulnerabilidade social e em escolas da rede particular.

Durante todos esses anos de atuação docente, sempre me fiz as mesmas perguntas: O que me motiva a continuar sendo professora? O que eu vejo de satisfatório em minha profissão? Por que, apesar dos obstáculos que conhecemos bem, permaneço e assim quero permanecer por vários anos na docência?

Neste chamado Caderno de Formação, apresento parte do processo desenvolvido em meu Mestrado, nos anos de 2018 e 2019. Esse processo envolveu cursar diversas disciplinas, ter contato com vários referenciais teórico-metodológicos e contar com as inestimáveis palavras de formadores de professores e de futuros professores sobre o tema motivação. E o caderno propõe-se a isso, a apresentar parte das reflexões desses sujeitos sobre esse tema e sobre as possibilidades de respostas às questões relacionadas.

Tive a oportunidade de entrevistar sete professores formadores de professores. Foi uma experiência que não consigo descrever em palavras sobre o quanto aprendi! O quanto cada um tem a nos dizer e a nos ensinar! Para que o trabalho ficasse mais rico, diverso e interessante, entrevistei pessoas com perfis e trajetórias diferentes. O mais novo tinha trinta e sete anos e o mais veterano, em torno de noventa e três anos. Havia uma professora e seis professores. Uns atuavam há pouco tempo na formação de professores e outros já atuavam por décadas.

A partir dessas entrevistas, elaborei uma versão inicial deste Caderno de Formação, constituída por excertos selecionados das falas dos entrevistados (que aparecem aqui designados por nomes fictícios de professores). A tudo isso, inseri outros textos, imagens e referências que entendi dialogar com as vozes desses sujeitos. E foi essa versão inicial a que apresentei aos integrantes de um grupo do Programa Residência Pedagógica em Física, constituído por licenciandos, con-

cluintes do curso, e coordenadores das escolas participantes do programa.

Pedi que refletissem sobre o que aqueles formadores haviam expressado e estava descrito no caderno. Concordavam? Discordavam? Gostariam de complementar? As contrapalavras que cinco desses licenciandos e um coordenador ofereceram estão aqui também (e aparecem relacionadas a nomes fictícios de licenciandos).

Como diz o subtítulo deste produto, quis falar sobre motivos para a ação docente. Imaginem o potencial das palavras desses sujeitos: formadores de professores e professores em formação! O que elas nos informam e nos formam? E é neste sentido que apresento a vocês esta versão do Caderno de Formação. Trago aqui, portanto, como produto de minha trajetória no Mestrado, excertos selecionados das entrevistas feitas com formadores de professores de Física e de Ciências, e das produções textuais elaboradas por professores de Física em formação sobre a motivação docente, divididos em quatro tópicos:

1. A formação do profissional docente
2. O eu docente e o outro
3. O papel docente
4. Derradeiras palavras

Mas e vocês, colegas? Por que escolheram ser professores e professoras? Quais são suas motivações para isso? Peço que pensem nestas questões e reconstruam este Caderno de Formação, transformando em parcial e não em final essa versão. Como o que está escrito neste caderno te ajuda a refletir sobre essas questões? Como contribuem ou não para a sua formação docente? O que falta no caderno? E o que sobra? O que trocaria de lugar? Quais contribuições você poderia dar?

Como você se posiciona em relação ao que nele está contido? Escreva, desenhe, pinte, cole, risque, acrescente ou corte! Use os espaços em branco, ou acrescente outros. O meu desejo é que este seja, ao final, um Caderno de Formação sobre os nossos motivos para a ação docente, sob os ângulos das nossas memórias e das nossas perspectivas.

Obrigada!

Sumário

O ser e querer ser professor..... 11

A formação do profissional docente 14

O eu docente e o outro..... 20

Sugestões de leituras e Filme sobre o tema .. 21

O papel docente..... 26

Derradeiras palavras 33

Retrocesso..... 43

O SER E QUERER SER PROFESSOR...



Antes de passarmos às vozes dos sujeitos que participaram de minha pesquisa, apresento brevemente um panorama sobre a situação da docência e sobre o se querer ser docente no país, sobretudo na área de ciências.

Dados do relatório Políticas Eficientes para Professores, da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2016), indicam que apenas uma pequena parcela da comunidade estudantil quer algum dia se tornar professor. Segundo o estudo, hoje, apenas 2,4% dos alunos de 15 anos

têm interesse pela profissão. Há 10 anos, o percentual era de pouco mais de 7%.

Segundo o Censo de Educação Superior do Ministério da Educação de 2016 (BRASIL, 2016), 57,2% dos alunos de licenciatura em Física, 52,3% dos alunos de licenciatura em Química e 52,6% dos alunos de licenciatura em Matemática desistiram dos seus respectivos cursos. Apenas 20% dos ingressantes no Ensino Superior fazem licenciaturas e, destes, cerca da metade pertence ao curso de Pedagogia, o restante se divide em cursos de bacharelado (61,5%) e os tecnólogos, que são responsáveis por 17,8% dos estudantes.

De acordo com a pesquisa apontada pelo Associação Brasileira das Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES, 2017), o número de alunos que ingressaram em cursos presenciais de licenciatura entre os anos de 2010 a 2016 caiu cerca de 10%. Além disso, do total daqueles que concluíram os seus cursos, apenas 47% trabalham como professores.

Em relação ao curso de Física, segundo dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2016), entre os anos 2002 e 2010, o número de licenciados no Brasil era de 14.247, porém, com uma demanda para mais de 55.000 profissionais.

Segundo auditoria realizada em 2015 pelo Tribunal de Contas da União (BRASIL, 2015), naquele ano faltavam cerca de 33 mil professores com formação específica. Em Minas Gerais eram cerca de 4 mil. Especificamente na área de Química existia uma carência de 4,8 mil docentes.

Ao longo dos anos, muito se tem discutido acerca dos problemas que permeiam o exercício da docência e as insatisfações presentes nela. Algumas hipóteses podem ser levantadas para discussão.

Segundo pesquisa realizada em 2017 pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE, 2017), a

violência detectada na sociedade brasileira não poupa os espaços escolares. Segundo alguns dados da própria pesquisa, mais de 22 mil professores, em um total de mais de 130 mil, afirmaram que já sofreram algum tipo de violência por parte dos alunos. A falta de estrutura física em ambientes de trabalho e a má remuneração também são alguns dos fatores que desmotivam tais profissionais. Dados resultantes de uma pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2015), apontam que o salário do professor no Brasil é o 3º pior em uma amostragem de 40 países.

Por que, apesar disso tudo, queremos ser e estar como professores e professoras? Quais são/deveriam ser os motivos de nossas ações docentes? Este Caderno de Formação quer discutir isso e te convidar para esse diálogo.

A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DOCENTE

Eles [os licenciandos] começam, nas primeiras aulas, sempre colocando tudo como negativo. Eles começam com um discurso muito pessimista sobre a escola e eu digo para eles que infelizmente no meu tempo a gente não era dono da imagem. Existiam os donos da imagem, que não éramos nós. Você tem poucas fotos da sala de aula de 1960, 1970. Mas, hoje a gente tem muita imagem. E a gente vê como que as escolas estão alegres, como nossos alunos são muito mais bonitos, muito mais barulhentos... tudo mais! Temos que aprender a saber olhar por este lado.

Professora Léa



Divulgação

Grupo Escolar Senador Flaquer em 1957. Foto da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, em São Paulo.

A fase de formação inicial é de extrema importância, sendo muitas vezes quase que determinante para o pleno desenvolvimento da motivação para a futura prática docente (SAMPAIO e BAEZ, 2014, p. 2)

Acho que esse é o papel que a gente tem como formador: dar segurança para ele [o licenciando, o professor] saber que aquela opção dele, certa ou errada foi uma decisão necessária e importante naquele momento.

Professor José

“

“(...) O importante é diversificar a metodologia e trabalhar as competências dos alunos.”

Licenciando Joaquim

”



Uma das maneiras que a formação pode se aproximar um pouco do aluno é a metodologia e a prática andarem um pouco mais juntas.

Professor José

Acho que ajuda muito (...) situar um pouco essa demanda da escola contemporânea, de trazer os problemas concretos... exercitar possíveis soluções.

Professor João

E eu tenho também trabalhado muito com a reflexão sobre a prática. Então, trabalho com construção de narrativas, eles fazem muitas narrativas, que é uma prática. (...) Eu trabalho também com o conceito de incidente crítico, então, eles vão para a salas de aula, para observações e para as práticas de estágio. (...) Você vai observar o cotidiano, estranhar esse cotidiano e a partir daí ver se você consegue ver o que acontece de crítico, quer dizer, o que você identifica como habitus, e o que saiu.

Professora Léa

Eu trabalho muito a técnica da diversidade da realidade, assim, a diversidade de contextos de ensino aprendizagem, a diversidade de escolas (...). Conto para eles assim, a não existência de regras ou generalizações (...). Tento alimentar a es-

perança das coisas boas, mas, também situando um pouco os pés na realidade, né? Que eu me preocupo muito com... muitos colegas que saíram da Faculdade de Educação (FaE) na época não gostavam e achavam que a FaE estava sempre com o discurso contra a aula tradicional, contra a aula expositiva, didática tradicional, sendo o que o muitas vezes o que o professor tem é para aquele momento... e é o melhor o que ele pode fazer e as vezes ele pode fazer uma boa prática de pedagogia tradicional.

Professor João

Minha preocupação maior é em termos pedagógicos, é incentivar os professores a ouvirem os estudantes... essas coisas das concepções prévias... saber de antemão as concepções prévias de cada assunto a ser desenvolvido nas ciências de uma maneira geral... levar em conta aquilo e não falar que está errado... fazer uma reformulação.

Professor Thiago

Tem crescido minha consciência da importância de ajudá-los a pensar em coisas mais de grande porte, assim... mais de contexto de fundo, por exemplo, a crise da escola e o sentido do porquê que a escola ... onde ela entra e quais são as mudanças da civilização ocidental para trazer isso... então, eu tenho investido nisto também.

Professor João

“

“Uma das minhas maiores preocupações como futura professora é justamente esta questão de respeito. Como ter autoridade sem ser autoritária? Como ser exigente, sem ser inflexível?”

Licencianda Maria

”



ESPAÇO DO LEITOR



O EU DOCENTE E O OUTRO

Eles mesmo se surpreendem de ver, por exemplo, escola cheia de problemas e alunos, claro que não são todos, mas, alunos cheios de vontade, cheios de garra, que querem progredir e que vão progredir!

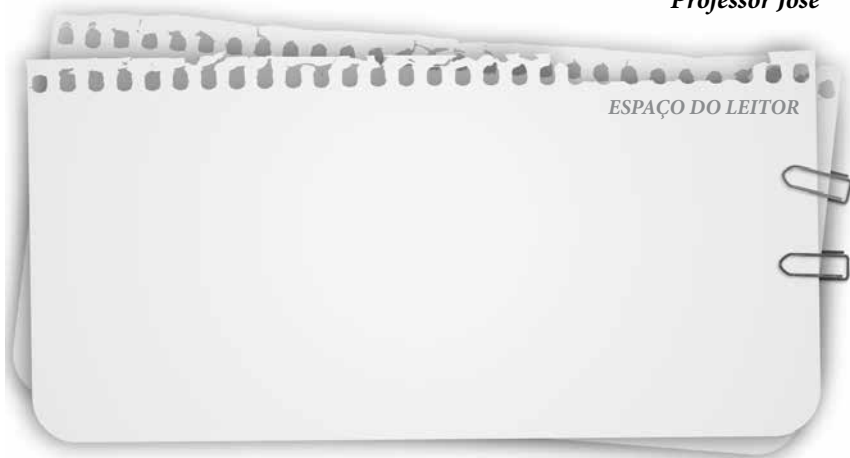
Professora Léa

Ver o outro crescer é algo muito gratificante.

Professora Léa

A gente aprende a ensinar, mas, não aprende a ensinar para quem.

Professor José



Sugestões de leituras e filme sobre o tema



A educação dá uma nova identidade, diz preso que entrou na UFRJ pelo Enem

<https://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2014-11-07>



Estudante de Paraisópolis tem experimento testado em parceria com a Nasa...

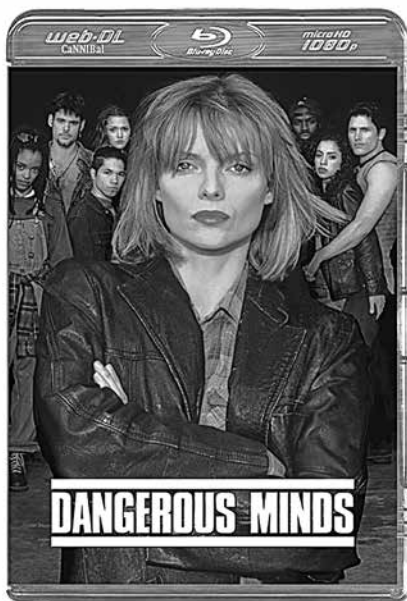
<https://noticias.uol.com.br/ultimasnoticias/rfi/2019/07/13/>



Alunos de escola estadual, feras da matemática criam vaquinha on-line para competir na Ásia.

<https://www.otempo.com.br/super-noticia/cidades/2019/06/13>

Divulgação



Michelle Pfeiffer interpreta a professora Louanne Johnson que, após ser hostilizada pelos alunos de uma escola na periferia, aposta em métodos pouco convencionais, como o karatê, para ensiná-los. O longa, baseado em uma história real, ficou famoso pela canção Gangsta's Paradise, do rapper Coolio.

(*) As reportagens pesquisadas podem não ser encontradas por meio dos links. Pois as leituras nos sites foram feitas há algum tempo.

A motivação dos alunos é um construto importante para a aprendizagem (...). Apesar de a motivação estar no aluno, o contexto em que este está inserido pode influenciar no nível motivacional dos mesmos (...). Assim, a ação do professor, a relação deste com os alunos, o ambiente, entre outros fatores, podem contribuir para a motivação dos estudantes. (SEVERO, 2014, p. 58)

Sempre digo a eles... quem é o aluno que está na minha frente? O que ele é capaz de fazer? E o que eu sou capaz de fazer para aumentar a aprendizagem dele?

Professor José

Eu acho que é possível o mínimo que é a escuta... parar 5 minutos e falar: “Gente, vamos conversar... vamos... na hora da chamada você perguntar: “Pô menino, melhorou? Ontem você falou... e melhorou?” “Você deu conta de fazer aquele exercício?” Mesmo que seja para conversar sobre conteúdo, perguntar acho que abre um laço de amor que dá ainda para... né? Inclusive isso faz com que o professor seja respeitado também pelos meninos. Eu acho que o problema dessas escolas é que os meninos não têm respeito pelo professor em geral, por que nós também não fazemos essa ajuda para eles, por que a gente é só conteúdo, né?

Professor José

A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam

em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.
(BAKHTIN, 1995, p. 95)

“

“Para ser um bom professor, acredito que seja preciso saber lidar com gente. Ser professor é mais que passar conteúdos, é entender o contexto do aluno, é saber avaliar, preparar aulas sob medida para os estudantes.”

Licencianda Maria

”



Se eu não lembro, eram cinco reprovações [que o aluno tinha] e apareceu na minha escola... virava pra mim falava assim... “olha, eu gosto de estudar, mas ninguém me dá uma chance!” E aí eu acho que isso é um desafio, é pegar um cara desse e falar assim... “o que faço com um menino desse?” Esse é o grande desafio.

Professor José

Olhar para a sala de aula como esse espaço de interações... como que essa dinâmica de aula acontece e que coisas potencializam isso... que é um trabalho de enculturação, né? Acho que as pessoas saem muito desarmadas para isso. Entendem muito pouco da escola enquanto espaço institucional e da necessidade de reformar a escola, de modificar mais radicalmente a escola.

Professor Rodrigo



“É importante para o relacionamento professor/aluno estabelecer uma afetividade fraternal mostrando o lado mais sensível e humano do professor, onde os alunos possam perceber que ele está ali não apenas para expor o conteúdo, mas, que está ali por eles.”

Licenciando Lucas



ESPAÇO DO LEITOR

O PAPEL DOCENTE



Divulgação

A Força do Professor

*Um guerreiro sem espada
sem faca, foice ou facão
armado só de amor
segurando um giz na mão
o livro é seu escudo
que lhe protege de tudo
que possa lhe causar dor
por isso eu tenho dito
Tenho fé e acredito
na força do professor.*

*Ah... se um dia governantes
prestassem mais atenção
nos verdadeiros heróis
que constroem a nação
ah... se fizessem justiça
sem corpo mole ou preguiça
lhe dando o real valor
eu daria um grande grito
Tenho fé e acredito
na força do professor.*

*Porém não sinta vergonha
não se sinta derrotado
se o nosso país vai mal
você não é o culpado
Nas potências mundiais
são sempre heróis nacionais
e por aqui sem valor
mesmo triste e muito aflito
Tenho fé e acredito
na força do professor.*

*Um arquiteto de sonhos
Engenheiro do futuro
Um motorista da vida
dirigindo no escuro
Um plantador de esperança
plantando em cada criança
um adulto sonhador
e esse cordel foi escrito
por que ainda acredito
na força do professor.*

Bráulio Bessa

Eu procuro me inspirar para colocar neles esse desejo,
essa gana, de ver a beleza da educação.

Professor João

A gente não enfrenta as coisas sozinhos, você tem que
enfrentar institucionalmente.

Professor José

Tem essa questão que Paulo Freire já falava, né? Da boniteza de ser professor! A generosidade que precisa. Eu acho que precisa ter um respeito pelas pessoas! O Estado não tem respeito pelas pessoas, com os profissionais da nossa área, mas, também de outras... Em nossa sociedade falta profissionais que tem o cuidado com o outro... E cuidar do aprendizado do outro, é um cuidado muito importante!

Professora Léa

Ser professor é um ofício de interação, de encontro de pessoas, de encantamento com as coisas, com a compreensão da cultura, dos modos de olhar para o mundo, da gente mesmo... essa relação com o conhecimento e essa relação necessariamente triádica, professor-aluno-objeto de conhecimento e mais uma gama de recursos dessa mediação semiótica e modos de falar o mundo, de pensar o mundo... ferramenta para pensar o mundo, acho que é o que encanta a gente, né?... e quando essas coisas acontecem é muito bom! Tanto quanto a gente tá na escola básica, quanto aqui com os alunos... a aula como acontecimento.

Professor Rodrigo

Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.

Paulo Freire

Essa é a função nossa! De motivar e isso motiva a gente!

Professor José

“

“A motivação vem quando o professor vê que os alunos se sentem motivados(...), quando vêm na fala do professor um incentivo para extrapolar as ações dentro de sala de aula e levar aquele conhecimento para a vida, empregando-o e reconfigurando na sua realidade.”

Licenciando Carlos

”



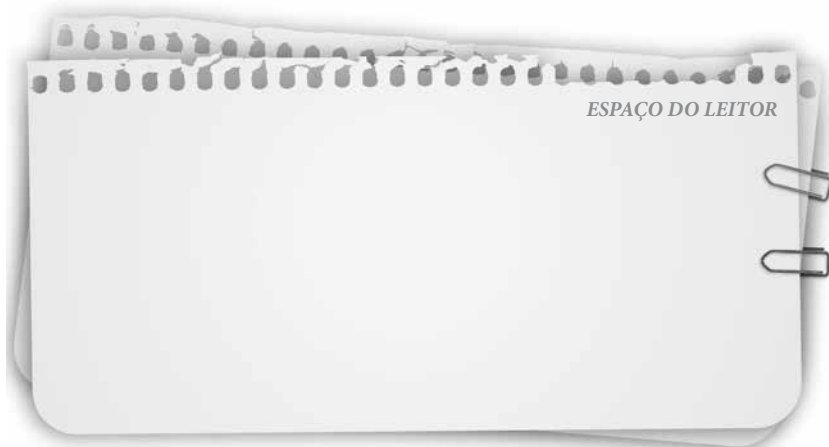
Tem que lutar para que o ensino tenha esse papel fundamental na formação do homem social.

Professor Thiago



Divulgação

Professor de escola — Jan Steen — 1668



Também digo a eles que a escola é mais do que a física. Minha função como professor de Física é fazer o menino gostar de estudar conteúdos diversos.

Professor José

Eu acho que o professor também é alguém que tem que mostrar caminhos e materiais.

Professor João

O que eu quero dizer com isso... do ponto de vista cognitivo eu acho que o professor é muito capaz da mudança. Eu não duvido da capacidade do professor em dominar os conteúdos, de produzir o trabalho dele de produzir práticas como alternativas... eu nunca duvidei disso.

Professor José



Eu vou (...) criando um discurso que é esse discurso de otimismo, para eles se sentirem que a prática profissional deles é: primeiro, que é uma prática profissional, que eles não estão ali porque é uma saída, nem por que... vou fazer disso uma profissão. E que nessa profissão são anos para você ter um repertório adequado para as situações críticas, cada situação tem uma forma de procedimento adequado.

Professora Léa

“

“Eu acredito que ninguém quer ser professor por apenas gostar da disciplina que professam (ou pelo salário). Acredito que é pela boa vontade em poder ajudar pessoas a construir seus sonhos. A gratificação em poder encontrar um(a) ex-aluno(a) e escutar que seus conselhos e ensinamentos (pertinentes a matéria ou não) os ajudaram muito na definição de suas carreiras ou estilos de vida. Esta é que deve ser a fonte motivadora da profissão docente.”

Licenciando Lucas

”



DERRADEIRAS PALAVRAS

Eu fiz música também. Como muitos físicos, por aí, também tenho esse perfil. Eu tive uma experiência docente, próxima na área de música. Dava muita aula particular. Preparava o pessoal para audição na escola de música. Cheguei até ter um grupo grande de alunos na música. E foi algo que também me aproximou muito da física. Na escola de música eu fui aluna de um professor que era um professor de música contemporânea que trabalhava muito com acústica e eu gostava muito e ele falava que o curso de física era um curso bacana para quem tem o perfil que eu tinha na época.

Professora Léa

ANJOS DA GUARDA

*Professores
Protetores das crianças do meu país
Eu queria, gostaria
De um discurso bem mais feliz
Porque tudo é educação
É matéria de todo o tempo*

*Ensinem a quem sabe de tudo
A entregar o conhecimento*

Na sala de aula
É que se forma um cidadão
Na sala de aula
Que se muda uma nação
Na sala de aula
Não há idade, nem cor
Por isso aceite e respeite
O meu professor
Batam palmas pra ele
Batam palmas pra ele
Batam palmas pra ele

LECI BRANDÃO

As atividades humanas diferem por diversas razões: vias de realização, tensão emocional, formas etc., mas o fundamental que distingue uma atividade de outra é seu objeto, isto é, “o objeto da atividade é seu motivo real.”
(LEONTIEV, 1983, p. 83)

Que eu acho que esse jovem que está aí, em idade de 18, 20 anos, com ânsia de viver e precisava às vezes apenas de um olhar misericordioso, de generosidade, de um bom dia! Às vezes a gente nega isso, né?... eles precisam às vezes de muito pouco.

Professora Léa

“

“Não me sinto motivado a ser professor no Brasil, não tem valor nenhum neste país de (...)”.

“Não tenho mais vontade de ser professor. Não sou uma pessoa que abraça a profissão como muitos. (...) Valorizo a minha capacidade e meu potencial produtivo.”

Licenciando Pedro

”



Eu trabalho muito com isso, ao invés de transformar isso em desespero, por que você chega lá com a esperança de encontrar uma coisa e encontra outra, como que a gente vai trabalhar... e eles acabam saindo muito otimistas ao final do curso, com a questão de ser professor, é claro que não é ser professor nesta situação.

Professora Léa

É a possibilidade de ir costurando mudanças na prática e permitindo cada vez mais que as práticas fossem mais radicais, do ponto de vista de voltar para a aprendizagem do menino.

Professor José



Aninha e suas pedras

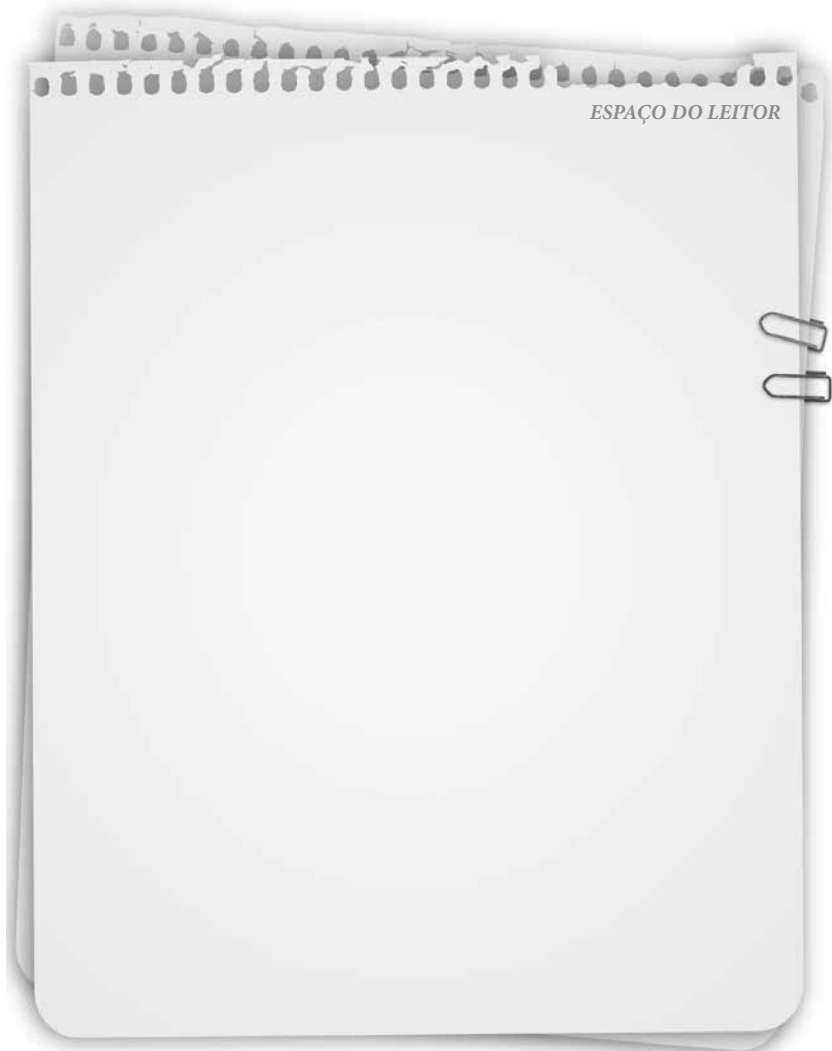
*Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede.*

Cora Coralina

A minha função como professor de Física é fazer o menino gostar de estudar conteúdos diversos... ler jornal, revista, entendeu? Mostrar para ele que estudar é uma coisa bacana e não porque ele vai ter grana, porque ele pode ter grana com outros caminhos muito mais fáceis e ele sabe disso, mas que aprender é gostoso, estudar é gostoso! Agora você só passa isso se você tem também o desejo de continuar aprendendo, por isso que eu falo que o ser mais é o que passa, não o conhecimento!

Professor José

O ouvinte, ao perceber e compreender o significado do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc. (BAKHTIN, 1997, p. 271)



Tem que lutar para que o ensino tenha esse papel fundamental na formação do homem social. Professor é uma peça fundamental dentro da sociedade. Não com aquele formato antigo... temos que discutir a escola, junto com a comunidade... chamar os professores, junto com os pais para planejar uma escola que seja em conjunto é um crescimento... ninguém vive isolado, né?

Professor Thiago



“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas, o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.”

Licencianda Maria, citando Tereza de Calcutá.



Tem uma coisa que acho que consigo fazer que é mostrar como a ação do professor ele é intelectualmente super desafiadora, excitante. Que essa profissão nossa tem... é singular, irrepetível, que não tem nada a ver com a imagem que normalmente se faz, da profissão como uma profissão cansativa, enfadonha, que se passa a vida fazendo a mesma coisa sempre... ensinando as mesmas coisas ano após ano... que você envelhecendo, os meninos ali sempre... então, você tem a imagem negativa da profissão como sendo, primeiro, trivialização, uma imagem distorcida do que é ensinar e aprender e em decorrência disso, essa imagem de que a grande qualidade do professor é ser paciente e ter uma boa performatividade... como se fosse um dom, que o professor tivesse que ser um bom expositor.

Professor Rodrigo.

“

“(...) ainda falta tanta coisa! Valorização da educação, do professor, da família.”

Licencianda Maria

”



Divulgação



Charge latuff 2016 bancários curitiba



Eu tenho tentado mudar minha prática didática para outros métodos, tentando inovar neles. Acho que isso pode melhorar a atividade, mesmo porque, muitas vezes o que acontece é que o método não motiva muito o aluno.

Professor Benjamin



Retrocesso

O visitante estranhou porque, quando o levaram para conhecer a sala de aula do futuro, não havia uma professora-robô, mas duas. A única diferença entre as duas era que uma era feita totalmente de plástico e fibra de vidro — fora, claro, a tela do seu visor e seus componentes eletrônicos —, e a outra era acolchoada. Uma falava com as crianças com sua voz metálica e mostrava figuras, números e cenas coloridas no seu visor, e a outra ficava quieta num canto. Uma comandava a sala, tinha resposta para tudo e centralizava toda a atenção dos alunos, que pareciam conviver muito bem com a sua presença dinâmica, a outra dava a impressão de estar esquecida ali, como uma experiência errada.

O visitante acompanhou, fascinado, uma aula como ela seria num futuro em que o computador tivesse substituído o professor. O entendimento entre a máquina e as crianças era perfeito. A máquina falava com clareza e estava programada de acordo com métodos pedagógicos cientificamente testados durante anos.

Quando não entendiam qualquer coisa as crianças sabiam exatamente que botões apertar para que a professora-robô repetisse a lição ou, em rápidos segundos, a reformulasse, para melhor compreensão. (As crianças do futuro já nascem sabendo que botões apertar.)

— Fantástico! — comentou o visitante.

— Não é? — concordou o técnico, sorrindo com satisfação.

Foi quando uma das crianças, errando o botão, prendeu o dedo no teclado da professora-robô. Nada grave. O teclado tinha sido cientificamente preparado para não oferecer qualquer risco aos dedos infantis. Mesmo assim, doeu, e a criança começou a chorar. Ao captar o som do choro nos seus sensores, a professora-robô desligou-se automaticamente. Exa-

tamente ao mesmo tempo, o outro robô acendeu-se automaticamente. Dirigiu-se para a criança que chorava e a pegou no colo com os braços de imitação, embalando-a no seu colo acolchoado e dizendo palavras de carinho e conforto numa voz parecida com a do outro robô, só que bem menos metálica. Passada a crise, a criança, consolada e restabelecida, foi colocada no chão e retomou seu lugar entre as outras.

A segunda professora-robô voltou para o seu canto e se desligou enquanto a primeira voltou à vida e à aula.

— Fantástico! — repetiu o visitante.

— Não é? — concordou o técnico, ainda mais satisfeito.

— Mas me diga uma coisa... — começou a dizer o visitante.

— Sim?

— Se entendi bem, o segundo robô só existe para fazer a parte mais, digamos, maternal do trabalho pedagógico, enquanto o primeiro faz a parte técnica.

— Exatamente.

— Não seria mais prático — sugeriu o visitante — reunir as duas funções num mesmo robô?

Imediatamente o visitante viu que tinha dito uma bobagem. O técnico sorriu com condescendência.

— Isso — explicou — seria um retrocesso.

— Porquê?

— Estaríamos de volta ao ser humano.

E o técnico sacudiu a cabeça, desanimado. Decididamente, o visitante não entendia de futuro.

Luís Fernando Veríssimo
(Nova Escola. São Paulo. Abril, out. 1990. p. 19)

LEITURA E REFLEXÃO

Não faltam obras a tratar da formação e atuação docentes. A indicada abaixo é uma delas. Como definido pela editora, uma “obra imprescindível para quem se aventura a ensinar”. Mas, como obras como essas podem nos ajudar/motivar efetivamente para as nossas atuações docentes? Como dialogam com os resultados das pesquisas sobre as formações docentes? Como avançam e rompem com uma visão instrumentalista dos fazeres docentes? Fica o convite para a leitura dessa obra e de outras semelhantes, e, talvez o mais importante, para as reflexões sobre os caminhos que elas apontam.

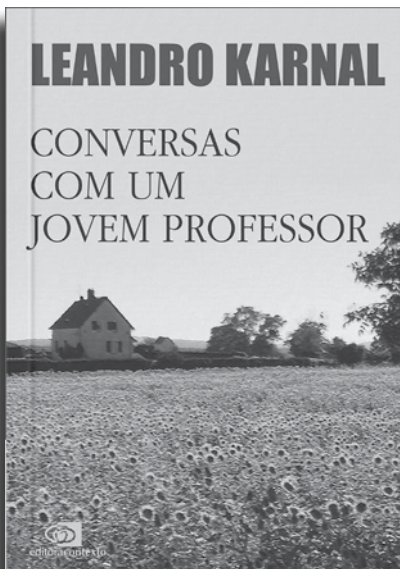
Livro: Conversas com um jovem professor

Autor: Leandro Karnal

Editora: Contexto

Páginas: 143 p.

Ano: 2012



Sinopse: O professor entra na escola e parece que nasceu para dar aula: sabe como lidar com os alunos, faz camaradagem com os colegas, dialoga com os pais. Nunca comete um deslize, passa muito bem o seu recado e todos o adoram. Será que nasceu sabendo ou foi aprendendo ao longo de alguns sucessos e outros tantos fracassos? Muitos são os livros que trazem teorias sobre a sala de aula, mas faltava um sobre a prática de ensinar. Não falta mais. Nestas “conversas” o leitor não encontrará citações de grandes obras, conhecerá experiências em classe. Tanto as que deram certo como as que fizeram o autor se arrepender depois. Professor com vasta experiência, dono de texto envolvente, Leandro Karnal discute os problemas cotidianos daqueles que lecionam: como dar aula, como corrigir provas, o que é necessário lembrar numa reunião com os pais. Em poucas palavras: como realmente lidar com as práticas escolares. Obra imprescindível para quem se aventura a ensinar.

MOTIVAÇÃO

Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, Mikhail (Org.). *Estética da Criação Verbal*: s.s. 2. ed. São Paulo: Coleção Ensino Superior, 1997. 230 p. v. 1.

LEONTIEV, A., (1978). Sobre o desenvolvimento histórico da consciência. In: LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte Universitário, p. 89-142.

SAMPAIO, Adelar Aparecido; BAEZ, Marcio Alessandro Cossio. *Motivação Inicial na formação docente*. Anped. Florianópolis, s.v, p.17, out.2014.

SEVERO, I.R.M. *Levantamento do perfil motivacional de alunos, do ensino médio, de três escolas da cidade de São Carlos/SP, na disciplina de Química*. Dissertação. USP. São Carlos, 2014.

“

**A educação tem raízes
amargas, mas os seus
frutos são doces.**

Aristóteles

”